

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 8 | Nº 22 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5525360>



REFLEXÕES SOBRE O FILME “UP - ALTAS AVENTURAS” E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE

Rúbia Eliza de Lima Pedrosa¹

Augusto Cesar Soares da Cunha²

Gênesis Guimarães Soares³

Resumo

O presente trabalho buscou refletir sobre o envelhecimento fazendo uma discussão paralela com o filme *Up – Altas Aventuras*. Com isso, de acordo com a análise crítica do filme e do levantamento bibliográfico, foi possível identificar o papel das mídias de um modo geral na construção social da velhice. Dentre os aspectos observados, chamou-nos a atenção o fato de quanto a mídia pode influenciar na forma como o idoso é visto e como ele se vê, diante de uma sociedade que ainda enxerga o idoso sob a ótica da decadência. Ao mesmo tempo que a mídia contribui para essa visão acerca do envelhecimento, a própria gerontologia também traz um novo modelo a ser seguido. Contudo, mesmo com mudanças de visões e comportamentos já conquistados, há ainda que se investir em políticas públicas voltadas aos longevos.

Palavras chave: Construção Social. Envelhecimento. Idoso.

Abstract

The present paper sought to reflect on aging making a parallel discussion with the movie “Up”. According to the critical analysis of the film and the bibliographical survey, it was possible to identify the role of the media in general in the social construction of the elderly. Among the aspects observed, the fact that the media can influence the way the elderly are seen and how they see themselves caught our attention in relation to a society that still sees the elderly from the perspective of decay. At the same time that the media contributes to this view of aging, gerontology itself also brings a new model to be followed. However, even with changes in visions and behaviors already achieved, it is still necessary to invest in public policies aimed at the elderly.

Keywords: Aging. Elderly. Social Construction.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca do envelhecimento vêm sendo cada dia mais relevantes e atuais, devido ao aumento da expectativa de vida e do número cada vez mais crescente de pessoas com 60 anos ou mais. Nas próximas décadas, a população brasileira terá pela primeira vez a mesma quantidade de idosos e jovens.

Para Beauvoir (1990) a velhice tem como característica uma evolução biológica natural do corpo que acontece com as pessoas quando ficam velhas. A velhice ainda pode ser entendida como a última

¹ Bacharel em Psicologia. Especialista pós-graduada em Gestão em Saúde com ênfase em Saúde Pública, bem como em Saúde Mental e Dependência Química. Mestre em Economia Doméstica. E-mail para contato: rubieliza@yahoo.com.br

² Bacharel em Psicologia. Mestre e doutorando em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail para contato: cesarsoares_1807@yahoo.com.br

³ Bacharel em Psicologia e especialista pós-graduado em Análise do Comportamento. Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail para contato: genesis.soares@ftc.edu.br



fase da vida, na qual as funções vitais são enfraquecidas. Portanto, confrontar esta realidade degenerativa e natural com o papel social da pessoa idosa e seu valor como ser social frente ao seu reconhecimento histórico, é uma reflexão cognitiva plausível (OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2014).

O filme *Up – Altas Aventuras* dos estúdios Walt Disney, foi lançado em 2009 e conta a história do idoso Carl Fredericksen de 78 anos, que após a morte da sua companheira Elle, acaba ficando triste e sozinho. Esta realidade muda quando ele se envolve num acidente com um funcionário da empresa imobiliária que queria comprar sua casa, e recebe como pena ser levado para um asilo. Antes de ser levado, ele infla inúmeros balões que fazem sua casa voar em direção a um antigo sonho, conhecer o paraíso das cachoeiras. Sem saber, leva consigo o recém-conhecido Russel de oito anos de idade, a relação que inicia com bastante resistência por parte de Carl, mas no fim serve para ressignificar sua postura diante da vida.

A velhice para a mídia, muitas vezes foi colocada como algo negativo, dando aos idosos características ranzinzas e depreciativas, o que contribuía para o estigma de incapacidade e conseqüentemente isolamento. Contudo, o objetivo deste artigo é discutir como esta nova significância vem ocorrendo, desde a terminologia, até o trato social e por fim, como o próprio idoso se sente nesta sociedade atual que se prepara para o envelhecimento, assim como as subjetividades existentes e aquelas construídas a partir deste contexto social, do qual estamos inseridos.

UM POUCO DE TEORIA

O Estatuto do Idoso considera como idoso todo cidadão com sessenta anos ou mais (BRASIL, 2003). A população está envelhecendo em estatística e Papalia, Olds e Feldman (2009) citam que em 2020, a população idosa (pessoas com 60+) seria em média seiscentos e cinco milhões, e progressivamente em 2050 a população idosa seja superior à população jovem.

Ao estudarmos o envelhecimento, é necessário destacar a Lei Federal nº 8.842 da Política Nacional do Idoso em seu Art. 3º que afirma que: “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos”.

Esta estimativa crescente da população idosa é resultado do avanço em políticas de saúde (práticas de atividades físicas, campanhas etc.), estilo de vida saudável, avanço da tecnologia, crescimento econômico, entre outros (PAPALIA, OLDS; FELDMAN, 2009).

De acordo com Schneider e Irigaray (2008), o curso de vida caracterizado como envelhecimento, em suas especificidades, para ser entendido deve se pautar em aspectos biopsicossociais; a interação desses fatores e a influência de sua cultura, história de vida, situação econômica, geográfica e as



representações que o envelhecimento traz para o cidadão idoso. Mesmo com todos os avanços e estudos sobre envelhecimento, essa fase da vida é associada a perdas, lutos e doenças, associações negativas que atravessam gerações e reforçam o medo das pessoas de envelhecer.

O idoso tem seu papel social construído numa concepção de velhice, resultante de uma sociedade com características e valores enraizados de forma particular, que perpassam essa construção social e atribui indicadores multidirecionados e contraditórios ao processo de envelhecimento (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Schneider e Irigaray (2008) salientam que,

embora a velhice seja nada além do que um construto social, o preconceito continua florescendo. A idade é uma categoria embutida dentro dela mesma, é discutível e obsoleta. Enquanto todos os outros estágios da vida são planejados e construídos social e culturalmente e não existem conflitos para eliminar a infância, a adolescência e a idade adulta do panorama do desenvolvimento humano, a velhice é colocada à margem. (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 587).

Partindo desse princípio de construção social de particularidade na forma de se vivenciar o envelhecimento, refletimos que diz que a subjetividade da pessoa idosa é algo evidente, que necessita ser visualizada e firmada em um contexto biológico, social e psicológico, tendo como foco a pessoa idosa como protagonista do seu processo de envelhecimento e essa fase como um curso de vida.

Dentre as questões que permitem as discussões do processo de envelhecimento, é comum afirmar que a proposta dos estudiosos da área é atribuir uma nova visão ao envelhecer, permitir que a pessoa idosa seja vista de acordo com suas potencialidades e projetos de vida; e que o estado, a sociedade e a família sejam parceiros nesse processo.

Atualmente, debruçando sobre os serviços que são direcionados aos idosos, temos como exemplo as Instituições de Longa Permanência (ILPI's), que é um serviço direcionado a população idosa e que é visto de forma preconceituosa pela sociedade, geralmente a pessoa idosa que tem um perfil vulnerável em renda, vínculos e econômico são candidatas a irem para uma ILPI, o que nos motiva a repensar essa prática e esse serviço numa perspectiva mais atual, que vai além dessa prática asilar (CAMARANO, 2010).

ANÁLISE DO FILME *UP – ALTAS AVENTURAS*

Os filmes ou artefatos midiáticos reproduzidos pela mídia, são um modo de ensinar as pessoas a serem e a se comportarem de acordo com a geração atual, exercendo uma certa pedagogia cultural.



Desta forma os artefatos culturais transmitem formas de conhecimento variadas, que mesmo não sendo reconhecidos como tal, são determinantes na construção de identidades e subjetividades.

Sob a ótica da diversão estas subjetividades podem ser assumidas por seus espectadores, uma vez que estas, podem ser entendidas como socialmente construídas (CALDEIRA, 2015). Para Foucault (1993) *apud* Caldeira (2015) a subjetividade nada tem de essencial, pois é produzida por diferentes discursos, por relações de poder que o sujeito estabelece e outros arrolamentos consigo mesmos e com os demais. O filme aqui discutido, de certo modo, ensina as pessoas idosas a se comportarem de modo a viver uma vida plena.

A própria velhice também pode ser considerada uma categoria social e historicamente construída, pois “ser velho no mundo ocidental contemporâneo, remete a configurações de valores distintos de outros momentos históricos de nossa sociedade e cultura” (BARROS, 1995 *apud* CALDEIRA, 2015, p. 411). Ainda para Caldeira (2015), a construção social da velhice vai se modificando ao longo do tempo e de acordo com a cultura. Uma vez que é reconhecida como um artefato social, entende-se que a velhice precisa ser controlada, governada.

E diante desta preocupação social é que surge a gerontologia, para ensinar as pessoas idosas a gerir suas vidas, assim como para ensinar aos mais jovens como envelhecer de forma saudável. Um dos principais instrumentos, que assumem esse papel de controle social, é a mídia, com seus modos de ensinar como “conduzir suas condutas” (CALDEIRA, 2015).

Neste momento social do qual estamos vivendo, onde se valoriza o novo e o poder, é comum a mídia trazer uma imagem de idoso forte e viril, pois o objetivo é “vender o produto”, para isso, passa uma mensagem subjetiva de qualidade de vida. Um dos problemas nesta questão é despertar um desejo de consumo que nem todos terão acesso por questões econômicas, atingindo apenas um público específico (CAVALCANTE, 2015). No caso do filme *Up*, uma das principais mensagens subjetivas passadas é a de que o idoso precisa lançar mão de seu passado, realizar atividades de lazer e fazer novas amizades para ser feliz.

Outra questão apresentada no filme são as relações intergeracionais, onde Carl de setenta e oito anos é obrigado a conviver com Russel de apenas oito. Inicialmente a relação deles é marcada por muitas resistências e conflitos, e esta é mais uma realidade da sociedade atual, pois as duas fases representam os extremos da vida, onde a infância representa o início, alegria e inocência, enquanto a velhice representa a finitude, a fragilidade humana e o fim (CALDEIRA, 2015), esta crença é reforçada em *Up*.



Todavia, com o desenvolver da história, é mostrado que é possível criar uma relação saudável que articule a infância e a velhice, e ainda, que é possível que a velhice seja uma etapa de novas descobertas e contentamentos.

Inicialmente a principal característica subjetiva apresentada por Carl é a de uma pessoa apegada ao passado, tanto que na viagem leva a casa junto, da qual representa todo o passado vivido ao lado de Elle. Porém para assumir uma nova postura diante da vida, Carl precisará construir uma nova subjetividade e no filme o momento simbólico que ele desapega de seu passado, é quando joga os objetos da casa fora, representando o início de uma nova postura e reconhecendo este como um “momento propício para novas conquistas, guiado pela busca do prazer e da satisfação pessoal” (DEBERT, 2004 *apud* CALDEIRA, 2015, p. 414).

A partir de então, Carl se torna um modelo a ser seguido por outros idosos que venham a assistir ao filme, pois desconstrói a ideia de velhice enquanto momento de ficar em casa sofrendo e preso ao passado e transmite a mensagem de possibilidades de aprendizagem e novas descobertas.

Vale lembrar que no decorrer da história a velhice vem trazendo consigo marcas de exclusão, preconceito e inutilidade; a mídia através de seu poder vem impetrando um novo estereótipo, ela é uma importante aliada, mas ainda não é suficiente para transformar todo o contexto social negativo atribuído ao idoso e ao processo de envelhecimento (CAVALCANTE, 2015). Ainda é preciso investir em políticas públicas de inclusão, apoio e valorização das potencialidades da pessoa idosa.

Santana e Belchior (2013) trazem uma reflexão interessante, quando identificam os papéis perdidos, os mantidos e os incorporados à velhice nos filmes. É certo que “o papel do velho sofreu grandes modificações no âmbito familiar e social ao longo dos anos” (GOLDFARD; LOPES, 2006 *apud* SANTANA; BELCHIOR, 2013, p. 94). Na sociedade industrializada não estava previsto um papel característico para a pessoa idosa, devido às associações a senilidade, ele era visto apenas como inábil. Estes preconceitos agem como barreiras, impactando a autoimagem que os idosos têm de si e restringindo sua participação social.

Desta forma, a gerontologia social surge como um norte para esta nova representação social, e legítima luta por novos termos, até por direitos, tanto a nível social como familiar (SANTANA; BELCHIOR, 2013, p. 95). Erikson (1976) alerta que para toda idade ou período do desenvolvimento, há tarefas específicas, conflito e crise, e é resolvendo cada um desses conflitos que novas capacidades se desenvolverão.

No caso da resolução favorável da crise, está se converterá em aquisições positivas à nível psicológico, emocional e social (SANTOS, 2010 *apud* Santana e Belchior, 2013, p. 98). Assim os papéis vividos estão em concordância com as exigências de cada fase, alguns podem ser mantidos numa



mudança de fase, enquanto outros podem ser incorporados ou perdidos; e há ainda, aqueles herdados compulsoriamente (SANTANA; BELCHIOR, 2013, p. 98).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Ferreira *et al.* (2010), no que tange ao envelhecimento, ainda não foi possível uma acepção que envolva os tortuosos mecanismos que levam a pessoa a envelhecer, assim como este processo é vivenciado e representado pela própria pessoa idosa e pela coletividade. O filme *Up*, assim como outras personagens representados por pessoas idosas na mídia, auxiliam na construção do imaginário social e construção das subjetividades, bem como um veículo de discussão sobre a velhice e seus aspectos, visando uma construção crítica da realidade (SANTANA; BELCHIOR, 2013). Ademais, “a tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento” (CALDEIRA, 2015, p. 414).

Para que uma categoria etária desse tipo se estabeleça como recurso efetivo para a formação das identidades pessoais, também é necessário que adquira legitimidade, se solidifique e dissemine no imaginário cultural, de modo a tornar-se referência para um grande número de sujeitos. (SILVA, 2008, p. 166)

A grande questão que surge neste momento é que, ainda que a velhice se torne uma questão social, ela ainda é tratada como um problema individual ou “transformada numa questão de escolha”. E ainda, desta forma, há de se pensar em como conciliar a reinvenção da velhice bem-sucedida com a fatalidade da decadência biológica, além do “espectro terrificante do prelúdio da morte social?” (GONÇALVES, 2002, p. 183).

Fato é que, com o aumento da população idosa, faz-se mais do que nunca necessário, que o conjunto da sociedade tome consciência desta série de problemas e que as autoridades competentes, de forma justa e democrática, encontrem os rumos da equidade na repartição dos serviços e facilidades para com esse grupo populacional (VERAS; RAMOS; KALASCHE, 1987).

Para Gonçalves (2002) esta nova configuração de imagens da velhice, em paralelo com a cultura do consumismo, até mesmo com algumas práticas gerontológicas e com as políticas públicas interessadas em minimizar os gastos da saúde, transformando o direito de escolha num dever de todos, diante de uma realidade inexorável da qual todos estão sujeitos. Vale lembrar quanto a questão social do idoso, que é tão necessária face à sua dimensão, que há de se criar políticas amplas e expressivas, que elimine ou ao menos diminua a difícil realidade que aguarda os longevos; até porque tantos esforços para prolongar a vida humana senão fornecer condições satisfatórias para se vivê-la.



REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. A **Velhice**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 23/09/2021.

CALDEIRA, M. C. S. “Narrativas sobre a velhice e Infância: Uma análise do filme *Up – Altas Aventuras*”. Educação Unisinos, vol. 19, n. 3, 2015.

CAM'ARANO, A, A; KANSO, S. “As instituições de longa permanência para idosos no Brasil”. **Revista Brasileira de Estudos de População**, vol. 27, n. 1, 2010.

CAVALCANTE, C. C. S. P. “O papel da mídia na construção social da velhice”. **Formar Interdisciplinar**, vol.1, n. 7, 2015.

ERIKSON, E. H. “Oito idades do homem”. In: **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

FERREIRA, O. G. L. *et al.* “Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo”. **Psico-USF**, vol.15, n. 3, 2010.

GONÇALVES, M. “A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento”. **Pró-Posições**, vol. 13, n. 2, 2002.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SANTANA, C. S.; BELCHIOR, C. G. “A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos”. **Revista Kairós Gerontologia**, vol. 16, n. 1, 2013.

SCHNEIDER, R. H. IRIGARAY, T. Q. “O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais”. **Estudos de Psicologia**, vol. 25, n. 4, 2008.

SILVA, L. R. F. “Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento”. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, vol. 15, n. 1, 2008.

VERAS, P. R.; RAMOS, L. R.; KALASCHE, A. “Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e consequências na sociedade. **Revista Saúde Pública**, vol. 21, n. 3, 1987.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 8 | Nº 22 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima